

UM CONTO DE JOAQUIM PEDRO DE ANDRADE*

Quando ele acordou, de manhã muito cedo, sentiu logo que a dor ia voltar. Levantou-se com a cabeça pesando e foi se olhar no espelho. Os olhos estavam inchados como se ele tivesse dormido muito e as veiazinhas vermelhas tinham aumentado de número.

Ele lavou a cara e fez a barba com uma lâmina cega. A irritação foi crescendo e ele resolveu que ia trabalhar de qualquer jeito, doesse o que doesse. Procurou dentro da mala os analgésicos que tinha comprado e tomou vários, apesar de saber que não adiantavam nada.

Os seis operários que dormiam no mesmo quarto que ele estavam se vestindo. Piscavam muito e faziam um bico grosso com a boca. Ele se vestiu também e foi tomar café, já um pouco atrasado. Aí saiu para o jardim devastado que havia em frente de casa. O ar muito claro fez mal a ele. Os olhos começaram a lacrimejar e José ficou com mais raiva. Olhou a igreja e a escadaria com os profetas de pedra.

A gente vive sozinho, ele pensou, e começou a descer a ladeira, ladeada de capelas. As meninas muito pobres que trabalhavam com eles vinham chegando, todas descalças e emburradinhas. José entrou na capela dele e as meninas ficaram ainda do lado de fora, esperando que o sininho batesse. José tirou a lona que cobria o Cristo grande de madeira, deitou com jeito a imagem pesada em cima das pernas e começou a trabalhar.

Mais uns dez minutos e a dor nos olhos ficou insuportável, como ficava sempre. Ele não enxergava mais nada porque não podia abrir os olhos. Doía tanto que ele quase vomitou quando quis explicar às meninas que ia voltar para casa. Falou umas coisas embrulhadas e saiu trôpego da capela, foi para casa. Chegou no quarto, fechou as janelas arreventadas e se arrumou devagar na cama, acovardado com a dor. Depois ficou imóvel, respirando grosso e às vezes gemendo um pouco. A cama ia ficando molhada de suor.

Quando chegou a hora do almoço ele já tinha engolido todos os comprimidos disponíveis. A dor tinha virado uma coisa despropositada e tinha se espalhado pela cabeça dele. Agora a nuca doía quase tanto quanto os olhos. José estava cansado.

(*) Joaquim Pedro de Andrade, figura central do Cinema Novo, foi também excelente escritor. A prosa de seu roteiro — *O imponderável Bento contra o Crioulo Voador* (São Paulo: Marco Zero, 1990) — ainda encontrará lugar na literatura brasileira. Publicamos aqui um conto de sua juventude, escrito entre 1956 e 1957, quando Joaquim Pedro abandonou a Física para se integrar à equipe de restauração dos Passos da Paixão, do Aleijadinho, em Congonhas do Campo (N. E.).

As lembranças queriam voltar, mas José se enfezou de novo. Enquanto ele estava acordado ainda conseguia se defender, porque tinha raiva. Mas quando dormia o passado vinha nos sonhos e arrasava com ele. No meio da noite, acordando por causa do sonho, José nem pensava em reagir e parecia um maluco deitado.

A vontade de viver tinha vindo tarde, quando era difícil se largar daquela morte toda, de tudo que era já gasto e vivido, tudo que ele tinha para lembrar. E a doença chegava ali, bem na hora de querer viver. Uma dor daquelas só podia ser coisa de tumor no cérebro. E era estúpido acabar assim. Mas de qualquer jeito ele tinha de voltar para a cidade e ver o que era aquilo. Quando os companheiros chegaram para almoçar, José pediu que reservassem passagem para de noite: dali a uns três dias, se a doença não fosse séria, ele voltaria.

Os homens deixaram José no quarto e foram comer. Eles eram sempre muito discretos e não diziam nada de mais pessoal. A solidão deles se misturava com o jeito de respeitar os outros e de ser respeitado. Fazia bem a José o trato com eles, a solidariedade forte sem oferecimento de proteção.

A cabeça de José continuou doendo a tarde inteira, latejando de um modo absurdo. Cada pulsação se detinha na intensidade mais forte e às vezes durava quase um minuto assim. Parecia que o líquido de dentro dos olhos inchava e estava quase arrebentando um ponto mais fraco da membrana, no fundo do olho. A dor acompanhava todos os ruídos da casa, como um eco. Em outro quarto, o vento abria e fechava uma janela. As pancadas doíam nos olhos de José, mas ele não tinha coragem de levantar a cabeça do travesseiro e acabar com aquela bateção.

Quando era de noite já e tinha passado aquele calor que fizera o dia inteiro, José saiu do quarto e andou pelo corredor de tábuas estragadas sem encontrar ninguém. Todos os outros tinham saído depois do jantar e andavam àquela hora passeando pela cidadezinha ou estavam em frente às casas, conversando com as moças. José tinha deixado no quarto o paletó e a gravata que usaria na viagem. Tinha deixado pronta também a maletinha com umas poucas coisas e roupa nenhuma.

Um pouco antes de anoitecer, a dor tinha começado a diminuir. Meia hora depois ele sentia na cabeça só a lembrança da dor, um dolorimento meio anestesiado mas até gostoso e o corpo leve, feliz. A inchação e o vermelho dos olhos tinham sumido também. Eles agora estavam lavados, frescos, na pouca luz da noite na cidadezinha.

José caminhava pelas ruas da praça maltratada, entre a igreja e as capelas que desciam o morro lado a lado, alternadas. As pedrinhas chiavam na terra seca e ele respirava com gosto a meia friagem da noitinha, leve de tanto ter suado e padecido o dia inteiro. Era alegre andar assim, sem dor nos olhos, sem peso na cabeça. E era fácil de repente não pensar em nada de ruim ou triste, não se importar com a doença e o que viria depois. Sumindo a dor, a vida do corpo ficava tão gostosa que absorvia ele todo. O pensamento também se alegrava de estar assim livre e leve, capaz de se

divertir inventando coisas e não inventar nada, sabendo só que podia inventar se quisesse e que eram bonitas e contentes essas coisas inventadas. José caminhou para a igreja e começou a subir as escadarias do adro. Lá em cima, no escuro, ele mal distinguia um grupo pequeno de pessoas. As vozes da conversa ele ouvia veladas e interrompidas. Alguém se debruçou na amurada, para ver quem vinha chegando. José continuou a subir, sentindo vontade de se sentar na pedra fria perto daquelas pessoas e ficar ali, ouvindo o que elas diziam. Estava escuro e ele só reconheceu os companheiros quando chegou a uns três metros deles. Aí sorriu, cumprimentou a moça que estava no grupo e se sentou no banco de pedra, como tinha querido. Havia uns outros vultos mais longe, encostados na amurada que rodeava o adro. Perguntaram pela doença de José. Ele não queria falar muito e respondeu distraído, vagamente, que a dor tinha passado, que ele ia pegar o trem dali a pouco e devia voltar depois de uns dias, poucos. Enquanto estava falando essas coisas, José viu aparecer uma outra moça, com um vestido claro, de saia rodada. A saia parecia branca e a moça caminhava devagar, ritmado, como quem passeia. Ia cruzando o adro, passando em frente à porta grande da igreja. José parou de falar e ficou olhando a moça. Ela tinha o corpo fino, alto, o cabelo dela vinha até em cima dos ombros. José nunca tinha visto aquela moça. Ele não tinha visto mesmo nenhuma moça bonita na cidadezinha. Aquela era a primeira. José ia perguntar quem era aquela que vinha surgindo, mas não precisou. Lurdes, a moça que estava com eles, apertou excitadamente a sua perna, disse que era Maria Antônia quem vinha ali, que tinha ficado de vir na véspera e não viera, que queria conhecer José e tinha subido de noite o morro do Santuário porque ele não descia nunca até o centro da cidadezinha.

— Se eu soubesse que ela era assim, já tinha descido há muito tempo, José disse para os dois homens e para Lurdes, que zombavam dele e riam. Depois se levantou.

Maria Antônia estava sentada na amurada, do lado oposto ao deles. A saia não era toda branca: tinha uns desenhos estampados em volta da barra. A blusa era branca. José chegou perto da moça e a chamou pelo nome. Ela virou o rosto para ele. No resto ficou como estava.

— Você é o José, ela disse.

Ele balançou a cabeça e olhou o rosto da moça. Depois se sentou ao lado dela, de frente para ela, do jeito como estavam. Seus joelhos se encostaram e se apoiaram. Ele disse:

— Ontem eu pensei que você vinha, porque a Lurdes tinha me dito. Mas não estava me importando, acho até que não tinha vontade nenhuma de te conhecer.

— E hoje, ela perguntou.

— Hoje aconteceram outras coisas. Eu estou com uma doença no olho que não sei o que é, mas dói muito e custa a passar. Hoje custou muito a passar, durou o dia inteiro. Foi ótimo quando passou. Eu fiquei alegre, saí para passear um pouco. Estava gostoso enxergar de noite e eu vi você.

— Que é que você tem nos olhos?

CONTO

— Não sei. Daqui a pouco vou pegar o trem para ir ao médico, no Rio. Depois, se eu ficar bom, volto para cá. Você me espera, pergunta as coisas à Lurdes e depois vem aqui para o adro, de noite, no dia em que eu voltar.

— Você vai agora?

— Não. Já está tudo arrumado. Eu desço para a cidade meia hora antes do trem chegar. Você pode ficar aqui comigo?

— Até você descer não. Só mais um pouco.

Ele ficou calado, olhando o rosto da moça. Ela sorriu primeiro, depois riu mesmo, uma risadinha curta, divertida.

— Porque que você está rindo, ele perguntou.

— Não sei, ela disse. Estou achando bom.

E José quis tanto bem à moça que ficou velho de repente, cansaço, tristeza, voltou tudo e ele mesmo, tudo atirado na frente dela, como quem se larga no chão de uma estrada e fica ali, a cabeça baixa balançando, porque ele é só o seu passado.

Viver é quando a gente gosta de uma moça e tem vontade de que as coisas aconteçam, novas e nos outros dias que vêm depois, não limita para hoje nem agora a coisa que acha boa, não mata o que está vivo, José tinha pensado. Mas se lembrar de ter pensado não adiantava nada.

Agora José olhava a moça e sorria. Depois segurava a mão da moça e falava com carinho. Naquele jeito triste dele ela via o menino doente e ele não precisava fingir.

—Eu tenho de ir agora, ela disse. Vou fechar seus olhos para você não me ver indo embora.

Ela fechou os olhos de José e deixou as mãos no rosto dele.

— Você vai ao Rio, vai ao médico. Ele te cura e você volta. Eu te espero aqui no adro, ela disse.

— Não abre os olhos, ela disse. Aí tirou as mãos do rosto de José e beijou os olhos dele. Depois desceu da amurada e foi-se embora. José ficou ainda um pouco com os olhos fechados. Depois abriu os olhos mas não olhou para a escada que a moça descia. Ficou olhando em frente, para o céu baixo e os morros.